

A PÓS-GRADUAÇÃO BUSCA O FOGO DO CONHECIMENTO

Solange Puntel Mostafa *

PUCAMP (Biblioteconomia)

RESUMO

MOSTAFA, Solange P. A pós-graduação busca o fogo do conhecimento. **Trans-in-formação**. Campinas, PUCAMP, 1 (1): 13-23, jan./abr. 1989.

Em linguagem coloquial, a autora analisa as relações entre teoria e prática com os cursos de graduação e pós-graduação. Utiliza para isso as imagens do filme "Quest for fire".

Unitermos:

Pós-graduação, Pesquisa, Transferência da Informação.

O excelente filme intitulado Guerra de fogo (5), "Quest for fire", ajuda na compreensão do discurso oficial sobre a Universidade e a interminável discussão sobre a legitimidade da pós-graduação e a não menos controversa relação entre a doutora **pesquisa**, o mestre **ensino** e a estagiária **extensão** universitária.

A pós-graduação é luxo ou necessidade? Essa pergunta tem norteado a discussão no Brasil em todos os níveis, desde a reforma universitária de 1968. Equivale a perguntar: pesquisar é necessário? E nesse caso, a pesquisa necessita vincular-se à extensão? O irmão mais velho do tripé reclama, aflito: e o ensino, como fica na relação? Não é o ensino a base e o começo de tudo, confundindo-se até mesmo com o conceito de escola?

Falar, portanto, em pós-graduação desvinculada de graduação é o mesmo que tentar tocar na questão da Universidade ou suas atividades sem relacionar o tripé dialeticamente, tendo em vista a busca do fogo.

"A Universidade busca o fogo do conhecimento". A frase é de Jamil Cury (6). Mas, embora o autor refira-se ao mito do Prometeu para aludir a tarefa prometeica da Universidade, a frase suscitou-me as imagens do filme dos primatas, onde os ensinamentos sobre a relação entre teoria e prática são acertadíssimos. E aplicam-se muito bem à discussão da Universidade.

A relação entre graduação e pós-graduação pode ser analisada como a própria relação entre teoria e prática, ou, se preferirem, entre técnica e tecnologia, ou ainda entre o pensamento e as feições da realidade exteriores ao pensamento. Isto extrapola de longe a questão histórica da Universidade. Tanto mais os 20 anos de pós-graduação brasileira.

Se a finalidade da graduação é a formação profissional, a pós-graduação não visa outra coisa senão o aprimoramento daquela formação.

Se a formação visa a habilitação na sociedade, a pós-graduação, através da pesquisa, informa melhor a formação/atuação profissional do cidadão na sua área específica.

O discurso oficial está repleto de definições e mesmo posições acerca do que deve ser cada uma das atividades da Universidade: graduação, pós-graduação, especialização, ensino, pesquisa e extensão são categorias analisadas quer por autores individuais, quer pelos próprios planos governamentais(1). Mas a minha intensão não é o cotêjo dos documentos. Ao contrário, é voltar ao primitivismo da época do fogo, quando não existia nem a graduação nem a pós-graduação da forma institucionalizada como conhecemos hoje. Mesmo assim, os homens primatas se graduavam e se pós-graduavam em suas áreas específicas. E se lá na Idade do Fogo já existia pós-graduação, porque será que hoje, somente após 20 anos de tentativa brasileira, a gente questiona a sua legitimidade...

Observemos o homem primata: ele sabe que o fogo é importante. Mais do que isso, ele sabe que o fogo é fundamental. Ter o fogo é ter a vida: proteção contra os animais e proteção contra os outros homens, as outras tribos; o fogo aquece o corpo, afugenta o perigo, cozinha a carne. Na fala tecnocrática das burocracias modernas (weberianas ou personianas), o homem primata diria que o fogo é "fator de desenvolvimento".

A vida passa a ser a vida pelo fogo, quer no sentido de ser através do fogo que se tem a vida, quer no sentido de ser a busca do fogo toda a razão de viver. Daí o título do filme: Guerra do fogo. Além de se ter que buscá-lo na natureza, tinha-se que proteger o fogo do vento, da chuva.

Três grandes mensagens filosóficas são possíveis nas entrelinhas da linguagem onomatopéica do homem primata:

1) A prática é anterior à teoria (esse é um dos alicerces do materialismo histórico - postura oposta ao idealismo filosófico).

2) A teoria só existe para aprimorar a prática (lembrar as teses de Marx contra Feuerbach, especialmente a décima primeira, ou a célebre de Bertolt Brecht sobre a ciência e o alívio da miséria humana).

3) A relação entre teoria e prática é uma rua de mão dupla.

Isto significa que a graduação é prática no sentido de ser uma habilitação e que a pós-graduação é teórica no sentido de ser aprimoramento, refinamento, depuração das habilidades técnicas (ainda que estejamos falando em pós-graduação na área de tecnologia, por exemplo).

A graduação é técnica. A pós-graduação é tecnológica. (A ciência que não se arvora agora a entrar na discussão pois o seu logotipo já está embutido na tecnologia, para efeito de discussão - enquanto a terminologia acadêmica

* Doutora em Educação (Filosofia da Educação)

Professora do Curso de Mestrado em Biblioteconomia da PUCAMP

persegue as diferenças entre ciência e tecnologia /Solla Price fez isso até com brilhantismo inovador em seus trabalhos/, Sales vai dizer de forma bem mais simples (12): "O modo de sentir/pensar/agir é um modo de atuação. É uma tecnologia". E mais: "A Universidade... está, portanto, convocada a produzir tecnologias técnicas, políticas/sociais de afirmação dos construtores da sociedade")

O homem primata não é um homem homogêneo, isto é, o mesmo homem para toda a face da Terra. Há um homem ali, que por razões de clima e região desenvolveu habilidades diferentes das desenvolvidas acolá, visto que o homem, bem como todos os seus sentidos e sentimentos são históricos; o processo de hominização - diferenciação da natureza - também o é. Donde a grande mensagem deixada pelas imagens da descoberta do fogo: quando o primeiro homem primata observa, perplexo, o outro primata fazer o fogo, o espanto e a perplexidade do primeiro não cabem na expressão corporal do artista. Não era o fogo algo que se achava na natureza? Podia-se fazer o fogo, a qualquer hora, prescindindo dos caprichos da natureza que não-lo oferecia, às vezes em paisagens tão distantes, quase miragens.

A posse de um saber tão fundamental desnorreia a mente do homem primitivo. E nesse momento o seu pensamento se alarga enormemente. Pois o pensamento só vai pensando o possível, o imaginável... Fazer o fogo para esse homem era o impensável até aquele momento. De agora em frente, tudo vai ser diferente: a teoria estava pronta! Fogo era algo que se fazia.

A decepção não demora a surgir, quando, mesmo de posse da teoria, o primata não consegue realizar a grande façanha de botar fogo na vara, porque para isso é necessário ter jeito. Não pode ser qualquer jeito. É preciso **técnica**, é preciso habilidade: a fricção da vareta na pedra para provocar calor necessita de uma dada velocidade nas mãos do fazedor de fogo. É hora do manual de procedimentos. A técnica é importante e da mesma maneira que não existe tecnologia sem técnica, a técnica, sem os princípios racionalizadores da ciência, não consegue se fazer diferente. Mas no momento em que ele domina o fazer e o porque fazer desta forma, ele está em condições de criar inúmeras outras maneiras de proceder. É por isso que no II Plano Nacional de Pós-Graduação dos anos 80 está:

"... por alta qualificação deve ser entendida a capacidade de mover-se com segurança e agilidade na fronteira de uma especialidade, não só ao ponto de estar em condições de reproduzir o conhecimento gerado em outras partes, o que representaria a capacidade efetiva de incorporá-lo, mas também de colaborar para o seu avanço, com contribuições significativas, o que representaria o domínio real daquela especialidade"(1)

Quando Sales insiste tanto em ampliar o conceito de tecnologia para "um modo de sentir pensar/agir", a gente entende a graduação e a pós-graduação como momentos diferentes mas ainda assim momentos de um

mesmo processo. E como tal, o tripé pesquisa, ensino, extensão. Apesar de diferentes, concorrem para uma mesma coisa: a barra de viver.

No fundo, as tecnologias buscadas pela Universidade através da estreita vinculação entre graduação e pós-graduação devem ser aquelas "apropriadas à produção de um modo de sentir/pensar/agir adequado a fazer valer interesses negados, resgatar auto-estima e a alizez de quem não está conseguindo sentir/pensar/agir como construtor da sociedade e detentor de um saber" (p.5).

O esforço nesses 20 anos de reforma universitária brasileira foi grande na tentativa de pelo menos definir o que seria, afinal, os limites e as possibilidades da pesquisa, do ensino e da extensão universitários.

Tentou-se até fazer a permutação dos termos, por exemplo, LEITE LOPES (8), fala em "prestação de ensino" enquanto DURHAM (3), mais conservadora, entende a demanda social por "demanda de ensino", numa tentativa explícita de denegrir a extensão universitária. Há conservadores cultos. FAGUNDES (4) questiona a extensão usando uma argumentação mais procedente que DURHAM: a extensão não é inerente à Universidade como querem o MEC e o CRUB mas circunstancial e provisória; durará até que a Universidade se desilite quando então os resultados do ensino e pesquisa forem repassados para toda a sociedade.

Quem sabe a gente sai da condição de **consciência culpada** com que DURHAM nos analisou, nós, os extensionistas.

Se fosse o caso de cotejar opiniões, chamaria em minha defesa a lucidez de uma LEITE (7) que é quem seria indicada para "dialetrizar certas posições que, muitas vezes, dependendo de que posição se fala, aparecem como inconciliáveis: a pesquisa e o ensino, a pesquisa teórica e a sua utilização prática na sociedade; a graduação e a pós-graduação; a ciência e a tecnologia; as ciências exatas e as humanas; a produção e a transmissão do saber; o professor e o aluno; a licenciatura e o bacharelado" (p.104).

Aqui voltamos às teses materialistas que a descoberta do fogo encerrou: ver fazer o fogo foi fundamental ao homem primata. A teoria é importantíssima. Ele viu com os olhos e com o pensamento. É o mesmo caso da Eva que viu a uva. Ver é importante. Mas não é ainda fazer. Em que pese a importante função da teoria, a teoria não surge do nada; ela é sempre e necessariamente ad(vinda) da prática. A prática, por sua vez, sem a teoria, não caminha, não vira praxis.

Mas o que é a prática e onde ela está para poder virar "demanda de ensino" como quer DURHAM e, assim ser apropriada pela Universidade?

A prática está lá na vida: na fábrica, no posto Shell, no banco, no plano central do país. E em qualquer dessas instituições, há produção de saber. "Pouco importa se tem origem acadêmica ou em outras partes", o importante é que haja "transformação de saberes" (12, p.8).

"O saber que funciona como transformador de saberes não é o saber

dos autores e professores. É o saber de quem, independentemente do grau de instrução e da função técnico-administrativa no processo de produção, esteja transformando saberes...(p.3)... O que diferencia uma universidade de uma fábrica? E de uma empresa comercial ou financeira? E de uma instituição de planejamento ou de prestação de serviços?... por produzir um saber todas as instituições são educadoras... além de educadoras como todas as instituições, a universidade é uma instituição de educação (p.2 e 3)... A universidade, portanto, não é livre para estudar o que quiser (p.6)... A produção do saber se identifica com o confronto de saberes (p.7)... Pelo modo de produzir saber, a universidade aprofunda ou superficializa saberes... Ao não aprofundar o saber, a universidade deixa de prestar um serviço aos trabalhadores que ainda não podem substituir a universidade, como o fazem os empresários, que têm seus assessores, seus centros de pesquisa, seus laboratórios, etc. (p.5)... A universidade deve ajudar a entender/solucionar os problemas dos trabalhadores que, não por acaso, são a maioria da sociedade. Como identificar os problemas a serem entendidos/solucionados? Saindo da universidade..." (p.6)

Extensão... expansão. Saindo para a periferia ou para o buraco negro da atmosfera? Extensão horizontal ou vertical?

Há uma famosa frase no ideário bibliotecário de Jesse Shera, um bibliotecário americano, que diz assim: A biblioteconomia ajuda a maximizar a utilização dos registros gráficos da humanidade, e sua preocupação deve ir desde a criança absorta em seus pensamentos até o cientista perdido em suas indagações esotéricas.

Quem em sã consciência duvidaria de um Stephen W. Hawking quando pergunta..."de onde surgiu o universo? Como e por que ele começou? Chegaria a um fim e, como seria isso?"

Perguntas desse tipo precisam ser contempladas pela Universidade até porque são perguntas universais: dizem respeito ao Universo, ao nosso Universo. É pesquisa pura. Quem leu o livro sentiu a pureza do cientista. As respostas a perguntas desse tipo são de tal complexidade que poucos de nós temos acesso até às próprias perguntas. Não quer dizer que são perguntas sem sentido. **É uma breve história do tempo** como diz Hawking ao intitular o seu livro. Mas há histórias e histórias. Há tempos e tempos. **A história e o tempo** é subtítulo de um livro de História do Brasil para escolares da sexta série do primeiro grau (10) que começa assim:

"A História expressa a vida dos homens em seu conjunto: como trabalham, produzem as riquezas e usufruem delas. A História está sempre em movimento."

O conjunto e o movimento do conjunto só foi possível captar após a obra de Hegel. Marx deu conta da produção e da apropriação das riquezas. Mas nenhum desses autores puderam ser estudados em nível de iniciação

científica. Foi a pós-graduação dos últimos 20 anos no Brasil que possibilitou uma nova filosofia da história, agora sendo absorvida no ensino de 1º grau.

Naturalmente que a história do tempo espacial é tão importante quanto a história dos homens na terra. Soa sem sentido polemizar entre pesquisa pura e aplicada, tecnologia de ponta ou de meio, realidade física ou social, porque tudo é realidade humana. E vive melhor quem melhor conhece a realidade. A melhor teoria é a que melhor fala da realidade, a que melhor se aproxima da realidade; por isso é que não tem sentido desprezar a teoria só porque ela é teórica. A rigor, ela é sempre teórico-prática. É interessante que o desprezo se estende quer para a realidade física quer em relação à realidade social. É como se a receita fosse menos importante que o bolo pronto ou a teoria de mais-valia valesse menos que a mercadoria que a gente compra no supermercado. Um e outro são expressão de ambos. Um representa o outro. É outra forma de apresentar a coisa. É representação. Está junto. É mais do mesmo.

O sentido da teoria? Igualzinho o sentido da pós-graduação em relação à graduação e dessa em relação aos ensinamentos de 2º e 1º graus. Descendo mais um pouco a gente chega na pré-escola e nas primeiras letras, nas primeiras falas. Por que será que falamos? Perguntar pela importância da teoria é perguntar pela importância da linguagem. A gente fala porque é constitutivo em nós. Nós somos do tipo que ainda mandamos flores. Nós falamos sobre o mundo. Porque pensamos! Mas antes, nós existimos. Primeiro a gente existe. Depois a gente fala sobre a existência. E essa ordem é rica de consequências. A briga filosófica sobre isso é enorme. Não só porque há uns que acham que existem porque pensam (qualquer lembrança a Descartes procede), mas sobretudo porque para existir, é necessário discutir quem tem direito à existência. E aí entra a confrontação do saber aludida por Sales (12, p.7):

"A produção do saber se identifica com o confronto de saberes. Há saberes sobre campos diferentes da atividade humana. São os saberes sobre processos físicos, químicos, biológicos, sociais, psicológicos, políticos, sobre produção do saber, etc. Há saberes de classes e grupos sociais diferentes. São os saberes diferenciados de operários, camponeses, técnicos, empresários, etc. Há saberes que se originam da construção material do mundo (produção de bens e serviços) e saberes que se originam na construção simbólica do mundo (produção de saber nas escolas, universidades, centros de pesquisa, etc.). Em qualquer campo de atividade, qual o lugar dos diferentes saberes na produção de um novo saber?"

CONFRONTAÇÃO DE SABERES

Muito já se falou sobre a neutralidade científica. É tema epistemológico dentro da teoria filosófica da ciência. Ora, se a ciência não é neutra, a tecno-

logia também não o é. Por mais que funcione. Há várias formas de fazer o fogo. Algumas interessam a uns. Outras a outros. O confronto é constitutivo da existência humana. Por isso o cerne da discussão não pode ser a prioridade da ciência pura sobre a aplicada ou vice-versa. Ambas são fundamentais. A briga refere-se aos interesses norteadores do desenvolvimento de uma e outra.

Por exemplo, o movimento ecológico vem propondo a nível mundial um tipo de tecnologia dita leve, barata e feita por ar (tesão), em contraposição à tecnologia pesada, cara e poluente. Junto com isso vem o discurso da natureza (o verde) e a respectiva filosofia de sustentação: holismo, integração homem/natureza, equilíbrio entre as forças yang/ying, isto é, equilíbrio entre razão e intuição (ninguém fez isso melhor que F. CAPRA em **O ponto de mutação**).

Mas por desconsiderar o confronto de saberes como sendo antes um confronto de classe social, a nova tecnologia proposta afasta-se dos interesses da maioria dos homens até porque não questiona as bases materiais sobre as quais a nova tecnologia se assentaria: como é possível falar em descentralização da produção e travagem do consumo sem mexer na relação de trabalho, ou, para usar o jargão, no **modo de produção**? Dá para falar no consumo sem mexer na produção? Não, e os ecologistas sabem disso. É na produção mesma que eles querem chegar. Como? Mudando a tecnologia.

A proposta ecológica nos quatro cantos do mundo quer uma coisa só: mudar a produção mas sem mexer nas relações de produção. Uma nova tecnologia mas em relações de produção antigas, como se tecnologia fosse algo só material, apenas ciência aplicada como ensinam os dicionários.

Se para criar a nova tecnologia verde, artesanal e pueril vigorarão as mesmas premissas das relações sociais antigas que geraram a tecnologia pesada, a gente vai cair no buraco negro de Hawking. Senão vejamos:

As relações sociais legitimam essa ou aquela tecnologia. Quando se fala em tecnologia barata é preciso perguntar barata pra quem, pois o valor-de-troca não se identifica com o valor-de-uso no modo de produção capitalista. O capitalismo é o único sistema econômico que se assenta na produção de mercadorias, isto é, onde os bens são produzidos com a finalidade única de sua venda. Enquanto nos modos de produção anteriores, produção e comércio eram atividades conjuntas, unidas, cindidas, isto é, produzia-se algo para o uso - o produto valia pelo seu valor de uso, aqui entre nós, produção e consumo são aleatórios: produz-se para a venda. Venda para o lucro. Lucro por causa do aumento da produtividade. As empresas precisam saber como fazer mais e melhor do mesmo produto. E isso só é possível com a absoluta interdependência tecnológica das empresas. Se no modo de produção anterior, as empresas eram independentes umas das outras, no modo de produção capitalista, a interdependência tecnológica é fator de so-

brevivência: quem não souber fazer melhor que o outro cai no buraco negro. É claro que o fazer melhor implica em estar a par dos outros fazeres.

Qualquer nova tecnologia dentro do mesmo modo de produção implica em concorrência e, conseqüentemente, lucro. Por isso, no confronto de tecnologias, não resolve muito discutí-las passando por cima das relações sociais. A proposta ecológica e tantas outras alternativas orientais para nos devolver o equilíbrio perdido só é válida na confrontação de saberes. Falar do saber social é falar do fazer. O saber e o fazer estão juntinhos. Travar o consumo para criar uma nova produção é gerar uma tecnologia burguesa e tão elitista quanto a anterior. A grande maioria dos homens famintos da humanidade morreria verde. A crise atual da economia capitalista desencadeada na década de 70 se expressa na crise da produtividade e, portanto, do consumo. Foge a esse artigo aprofundar o tema, pois teríamos que analisar as várias formas de reorganização da economia capitalista nos últimos 40 anos, especialmente a remodelação das condições gerais de produção no pós-guerra com a expansão do sistema de consumo particular o que, hoje, sabemos esgotados. Por isso é que o movimento ecológico é suspeito do ponto de vista dos trabalhadores: a ecologia propõe a levatada geral, aumento da produtividade com o necessário estancamento do consumo, através de hábitos frugais. É mais uma forma de reorganizar a economia capitalista da produção. As contradições inerentes a essa economia são muito bem percebidas pelos ecologistas. (impossível de analisar nesse artigo a contradição capitalista fundamental entre o aumento da produtividade e a baixa tendencial da taxa do lucro).

O importante é perceber que ao propor remodelações técnicas sem remodelações nas relações sociais (e relações sociais são algo bem mais material do que passeios matinais e hábitos frugais), o beneficiamento de certas empresas em detrimento de outras pelo reforço da concorrência e da concentração monopolista é inevitável. Para o modo de produção capitalista é totalmente indiferente que a tecnologia seja leve ou pesada. Para os ecologistas é também totalmente indiferente que a tecnologia leve proposta esteja em relações de produção capitalistas ou socialistas. O homem frugal está acima de qualquer suspeita.

Pois os ecologistas confundem capitalismo com industrialização. Já que o equilíbrio perdido entre o homem e a natureza se deu por culpa da industrialização, é mister inventar outra indústria menos poluente. Só que capitalismo é muito mais do que a indústria em geral. Indústria, porém, é qualquer sistema de aplicação de máquinas à produção. O que está em jogo é um dado sistema social. A contradição fundamental não é entre os homens e a natureza. Entre eles, desde o homem primata, tem havido infinidade de equilíbrios possíveis. E sempre com desequilíbrio/equilíbrio, depreciação/construção. O esgotamento da natureza é um mito: o homem não só tira da natureza mas também a repõe incessantemente. O esgotamento das

relações capitalistas de produção, esse sim, dá mostra de cansaço. Discussão complexa. Mesmo assim há que falar: é infinitamente melhor que a exploração entre os homens se dê num mundo menos poluído. Só que a gente quer respirar mais fundo, sem o risco do capital sufocar o trabalho. Introduzi o tema apenas para exemplificar a não-neutralidade da tecnologia. Serve também para mostrar a necessária ligação entre teoria e prática ou entre as ciências puras (físicas e sociais) e as ciências aplicadas (físicas e sociais). O que no tema de debates ficou sendo a questão do conhecimento no sistema de pós-graduação.

MESTRADOS, DOUTORADOS E ESPECIALIZAÇÕES

Todos são importantes? Sim. É LOBO E SILVA FILHO (9) quem responde, destacando a melhoria da iniciação científica e dos cursos de especialização como formas de acelerar a formação pós-graduada.

“Internamente, é preciso reduzir o tempo - excessivo - consumido nos programas de pós-graduação. Um pós-graduado está levando em média, cinco anos e meio para obter o mestrado e mais cinco adicionais, para doutorar-se. Assim, um pesquisador formado no Brasil só completa sua formação acadêmica dez anos e meio depois de completar o bacharelado, aos 35 anos de idade.”

E a colocação mais geral:

“A pós-graduação, institucionalizada no Brasil no final dos anos 60, tinha como objetivos principais o aperfeiçoamento de professores universitários e a formação de pesquisadores para o sistema de ciência e tecnologia. Secundariamente, ela visava o aperfeiçoamento de profissionais para o mercado de trabalho, que se previa, seria cada vez mais sofisticado e competitivo... A pós-graduação não se esgota, entretanto, com a formação de - por melhor que ela seja - de pesquisadores e docentes universitários através do mestrado e doutorado. O que era secundário em 1968 é, hoje, tão prioritário quanto os demais objetivos da pós-graduação - a formação de profissionais altamente qualificados para o mercado de trabalho. Para estes os cursos de especialização são indispensáveis.”

Tentei discutir a questão de fundo, a de ser a pós-graduação um refinamento das habilitações da graduação. LOBO discute a formalidade de se conseguir isso: será via mestrados, doutorados ou tudo isso com ênfase especial para as especializações?

Outro ponto é o problema das vocações das instituições.

“Em resumo, parece haver um consenso em torno da soma de três condições para que uma Universidade seja uma Universidade: produção de conhecimento, transmissão e aplicação. Não são os numerosos prédios que

dizem se uma reunião de escolas é uma Universidade. Não é a existência de diferentes áreas do conhecimento que a conceituam; não é o ensino, dito superior, que a caracteriza. O que parece consenso é que uma Universidade deva SOMAR condições, ser um centro de produção de conhecimento e através do ensino e pesquisa formar seus quadros de pesquisadores, formar os profissionais de que a sociedade necessita e também os educadores do 1º, 2º e 3º graus de ensino; aplicar a “ciência que produz ao ensino que efetiva...” (11, p.13 2).

Mas tudo é possível, junto e de uma só vez? LEITE LOPES (8) responde:

“Uma Universidade terá assim necessariamente institutos de pesquisa básica, institutos de ciência aplicada e pesquisa tecnológica e faculdades de formação profissional. Nela poderão ainda integrar-se escolas de ensino técnico de nível superior. Mas se a Universidade se tornar muito grande, será mais difícil a eficácia do seu funcionamento. Poderíamos, assim, propor que se criassem, além das Universidades, e fora das Universidades, institutos universitários de tecnologia ou escolas superiores de formação de técnicos... (p.105). Por que deveriam existir Universidades, com a mesma estrutura e idênticas escolas de formação, em todos os cantos do Brasil?... (p.106).

PRODUTIVIDADE ACADÊMICA E VOCAÇÃO INSTITUCIONAL

Como se define o bom uso do tempo? CASTRO (2, p.32) responde:

“Entre aulas, pesquisa, administração, extensão e aplicações práticas, tem que ser negociado o uso do tempo dos professores. É preciso, ad limine, redefinir as vocações de cada unidade. O que vem a ser produção docente em cada caso? De um físico teórico espera-se que publique nos melhores periódicos do mundo. O que se espera de um arquiteto? Que escreva ou que faça bons projetos? Espera-se um bom recital de um músico ou mais um ensaio sobre um dos 56 compositores da família Bach? Engenheiros devem fazer engenhos ou dissertar sobre eles? Um parecer jurídico importante é menos produção do que um ensaio sobre Direito Romano? Ajudar uma escola da comunidade pode ser mais da vocação de um departamento de educação do que escrever ensaios sobre teorias da moda. É preciso redescobrir uma pesquisa menos patensiosa mas que possa ser útil e respeitável. A tradução de novas teorias ao nível dos alunos ou sua aplicação do cotidiano deve ser estimulada. A idéia de prestação de serviços à comunidade vem se revelando como uma possibilidade interessante”...

Assim caminhamos. Na confrontação de saberes. Na confrontação de fazeres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- BRASIL. Conselho Nacional de Pós-Graduação, II Plano Nacional de Pós-Graduação. Brasília, 1980. In: SAMPAIO, Roosevelt P. Pesquisa na Pós-Graduação: como compatibilizar uma exigência. **Forum Educ.** Rio de Janeiro, **8**(4):12-20, out./dez. 1984.
- 2- CASTRO, Cláudio M. Quem vai consertar a Universidade? **Educação Brasileira - Revista do CRUB**, **8**(16):32, 1986.
- 3- DURHAM, Eunice R. A. Universidade e as demandas da sociedade. **Educação Brasileira - Revista do CRUB**, **8**(17): 23, 1986.
- 4- FAGUNDES, José. A função social da Universidade medida pela extensão. **Educação Brasileira - Revista do CRUB**, **8**(17):103-111, 1986.
- 5- GUERRA DO FOGO, A (Quest for fire). Direção Jean Jacques Annaud. França, 1981. 125 min. (video).
- 6- JAMIL CURY, C.R. A pós-graduação e a nova lei de diretrizes e bases. **Em Aberto**, Brasília, **7**(38):56, abr./jun. 1988.
- 7- LEITE, Ligia C. M. Programas para uma nova Universidade: como, porque, para quem? **Educação Brasileira - Revista do CRUB**, **8**(19):101-112, 1987. (Esse excelente texto arrola os principais documentos de pós-graduação).
- 8- LEITE LOPES, J. Reflexões sobre a Universidade. **Educação Brasileira - Revista do CRUB**, **7**(15): 103-112, 1985.
- 9- LOBO E SILVA FILHO, Roberto L. Mestrados, doutorados e especializações. **Folha de São Paulo**, 12 ago. 1988.
- 10- NADAI, E. & NEVES J. **História do Brasil**. 1- Brasil Colônia (1º Grau). São Paulo, Saraiva, 1988, 136p.
- 11- OLIVEN, Arabela C. et. alii. Universidade Brasileira: - indústria do conhecimento ou consciência das comunidades? **Educação Brasileira - Revista do CRUB**, **8**(19), 1987.
- 12- SALES, Ivandro C. Universidade e sociedade: como resgatar suas principais relações? **Educação em Debate**, Fortaleza, (11), 1-13, jan./jun. 1986.

ABSTRACT

MOSTAFA, Solange P. The post-graduation seeks the fire of knowledge. **Trans-in-formação**. Campinas, PUCCAMP, **1**(1): 13-23 jan./apr. 1989.
 In a colloquial way, the author analyses the relations between theory and practice referring to the undergraduate and graduate courses. The images of the filme "Quest for fire" were used for the analogies.

KEY WORDS:

University, science and technology theory and practice.